
O PAPEL DAS RELIGIÕES ENQUANTO INSTANCIAS REGULADORAS DAS SEXUALIDADES ALTERNATIVAS: O CASO DA HOMOFOBIA E VIOLÊNCIA

Josadac Bezerra dos Santos¹
Emily Couto²

RESUMO

As correntes religiosas não são monolíticas em relação às questões relativas à sexualidade humana, e não está claro porque algumas correntes religiosas definem os seus comportamentos individuais e coletivos. O objetivo desta pesquisa é então investigar a percepção e atuação de diferentes correntes religiosas no Brasil em relação aos homossexuais, buscando um entendimento sobre até que ponto e de que modo estas percepções e atuações religiosas implicam total ou parcialmente, em posturas que validam ou dão respaldo a atitudes homofóbicas e violentas, ainda que de modo discreto. No caso específico desta proposição, é relevante salientar o papel de cada corrente religiosa referenciada nas questões da homofobia e da violência, e a importância política e social das religiões para o tema em si e temas correlatados, podendo a identificação e compreensão de atitudes e discursos de segmentos formadores de opinião ajudar na elucidação do problema levantado.

APRESENTAÇÃO

Este texto é parte de um projeto PIBIC de pesquisa mais amplo, subdividido em dois projetos menores em andamento. O primeiro, que tem como título, O Papel das Religiões enquanto instancias reguladoras das sexualidades alternativas: o caso da homofobia e violência; tem como objetivo, investigar a questão da homofobia e violência junto a pessoas e lideranças de distintos grupos religiosos, incluindo não cristãos, procurando estabelecer a relação entre as lideranças e suas influências sobre seus fiéis. O segundo tem como principal espaço empírico os parlamentares sergipanos.

O tema foi proposto pelo Ministério da Saúde, que em inícios de 2006 lançou editais para financiamento de pesquisa cujo objetivo seria o de subsidiar o ministério em suas implantações de políticas públicas. Este projeto, no entanto, não tem esse caráter e nem se encontra no âmbito de tal edital, mas no âmbito do PIBIC, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Esta pesquisa é de interesse direto do professor e pesquisador Josadac Bezerra dos Santos, em decorrência de sua tese de doutorado em Sociologia cujo título é Conflito e Novas Identidades no Campo Religioso Brasileiro: feminismo, aborto, homossexualidade e eutanásia, trabalho este que representa o ponto de

¹ Doutor em Sociologia pela UFPE e Professor de Ciência Política do DCS – UFS

² Discente do Bacharelado em Ciências Sociais da UFS.



partida para atuais e futuras pesquisas nas áreas das relações de gênero e religião, das sexualidades alternativas e religião, e das questões de politização da vida e da morte e religião.

O projeto ora apresentado é, portanto, parte do projeto PIBIC no qual a discente Emily Couto encontra-se diretamente envolvida como colaboradora voluntária, e dirigido pelo referido pesquisador.

COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

A visibilidade dos movimentos de homossexuais e outros grupos ligados a outras sexualidades alternativas vêm se expandindo muito, em especial a partir dos anos de 1980.

Em grande parte, a epidemia do HIV veio tornar mais aparente ou tornar mais relevante à questão gay, na medida em que, historicamente, os homossexuais se constituíram no primeiro grande grupo de risco para contágio, gerando assim uma intensificação da homofobia, isto é, intensificação da reação de medo dos homossexuais enquanto grupo de risco, possibilitando assim um fortalecimento ainda maior da articulação de grupos de Homens que fazem Sexo com outros Homens (HSH).

Este fortalecimento os levou a apresentarem à sociedade suas demandas de aceitação pessoal e de seu jeito de ser, possibilitando assim o acirramento do conflito, e a busca da consolidação de uma identidade homoafetiva, implicando não só em um verdadeiro problema político e social, como sendo este mesmo conflito construtor da própria identidade em questão.

HOMOFOBIA E RELIGIÃO

Em decorrência desta demanda social, aparentemente a maioria das correntes religiosas se mostrou ainda mais intolerante aos homossexuais, tornando assim o conflito cada vez mais agudo. É verdade, porém, que nos dias atuais as correntes religiosas não são monolíticas em relação às questões relativas à sexualidade humana, e nem mesmo em relação à diversidade sexual; e não está claro porque algumas correntes religiosas são homofóbicas e outras não, e de que forma os membros dessas correntes religiosas definem os seus comportamentos individuais e coletivos, isto dentro do cristianismo. Tampouco é bem conhecida a atuação de outros grupos religiosos de linha não cristã, como os adeptos do Candomblé, por exemplo, em relação aos HSH e outros grupos, e como se situam em relação à homofobia.

Em nível mundial, e dentro do cristianismo apenas, sabe-se que existem grupos religiosos em princípio não homofóbicos, que aceitam a diversidade sexual a exemplo da Metropolitan Community Church, que se iniciou nos Estados Unidos e que em nosso país é denominada Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM).

Porém, esta não é uma posição hegemônica entre os grupos religiosos evangélicos. A maioria destes é claramente homofóbico (SANTOS, 2006).

PROBLEMA E CAMPO DA PESQUISA

O problema desta pesquisa se situa então, na percepção e atuação de diferentes correntes religiosas em Aracaju, em relação aos homossexuais e outras sexualidades alternativas, buscando um entendimento sobre até que ponto e de que modo essas percepções e atuações religiosas implicam, total ou parcialmente, em posturas que estimulam e/ou dão respaldo a atitudes homofóbicas e violentas, ainda que de modo discreto e simbólico.

São as seguintes as correntes religiosas em consideração: Católicos, Protestantes históricos, Pentecostais, Espíritas e o Candomblé. Entende-se que para uma investigação que resulte no esclarecimento do problema, o objeto desta pesquisa deveria ser limitado a correntes religiosas que efetivamente tenham relevância na sociedade aracajuana e brasileira em torno destes assuntos, não só por características internas dessas religiões, mas também por serem elas ou em sua maioria, muito atuantes do ponto de vista político, e do ponto de vista da capacidade de influenciar na formação de opinião pública em Aracaju, e muito provavelmente, no Brasil todo.

CONCEITO DE HOMOFOBIA

Para uma compreensão ainda mais completa do conceito de homofobia, até aqui definida como “temor e repulsa pelas pessoas de comportamento homossexual” (SPLENGER, 2003, p. 41); Leers e Trasferetti, (2002) a detalham bem mais e a entendem como

um fenômeno terciário, porque é o resultado do encontro fracassado entre pessoas de constelação e expectativas diferentes como tantas vezes aconteceu e continua acontecendo entre homens e mulheres, brancos e pretos, ricos e pobres, em cujas relações vivenciais se misturam a ânsia do poder sobre o outro, e o medo pelo outro. Também o comportamento discriminatório dos heterossexuais para com os homossexuais se desenvolve e estabelece na esfera nebulosa da fobia, do medo existencial diante daquelas pessoas masculinas que não correspondem ao padrão de vida que a maioria dominante mantém e espera dos outros (LEERS e TRASFERETTI, 2002, p. 38).

Com esta definição se alcança praticamente todos os conteúdos subjacentes ao sentido social de homofobia e violência, mas, sem deixar de lado o reconhecimento que este tipo de ação social se reveste também de um processo pessoal e existencial que remete à esfera religiosa de modo absolutamente evidente.

Aliás, os mesmos autores ainda nos lembram que a homofobia e violência são um fenômeno cultural formado de elementos racionais que segundo eles “teólogos e juristas que construíram aos poucos dentro da esfera cultural de medo, aversão, agressividade e opressão a doutrina ética sobre casamento válido, justificação exclusiva da vida sexual, deixando todas as outras formas de ação em redor desta luz na profunda sombra do pecado mortal” (LEERS e TRAFERETTI, 2002, p. 39).

Esta forma de definir a homofobia e violência representa explicitamente o modo como aqueles que são alvo desta relação social de opressão se sentem, e como tal reagem ao agressor. O papel sociológico esperado dessa pesquisa acaba sendo demonstrar, ainda que a partir de um universo restrito, a participação, em tempos atuais, de segmentos religiosos neste processo.

A questão social da homofobia e da violência, aqui entendida como “temor e repulsa pelas pessoas de comportamento homossexual” (SPLENGER, 2003, p. 41), tem sido alvo de preocupações por parte daqueles que se aproximam do tema pela via dos direitos humanos, e dos que se debruçam sobre a questão da violência policial sobre os diversos tipos alternativos de expressão sexual (sobretudo os homossexuais). Também os movimentos gay e lésbico organizados, têm se preocupado com a questão da violência contra os homossexuais e outros, mas também se preocupam com os aspectos culturais e acadêmicos da questão em foco. Não é de se estranhar, portanto, que a religião seja de fato vista por todos estes e outros atores sociais como o lugar do social onde formas de pensamento e comportamento homofóbicos se originam, e nela encontrem sua fonte de nutrição e sustentação política e social.

STATUS DA QUESTÃO

Nossos estudos anteriores (SANTOS, 2006), e de outros autores (MACHADO 1995, 1996a, 1996b, 1997, 2000), (MACHADO e FERNANDES, 1997); (MACHADO e MARIZ, 1997); (NATIVIDADE, 2004); (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2004), mostram que a homossexualidade, enquanto questão pessoal e enquanto um processo social inerente às igrejas na contemporaneidade, já trazem no bojo de suas discussões, ainda que de forma velada, a questão da homofobia e da violência, pressionadas por divergências de natureza teológica e pastoral teologia inclusiva³. A luta pela desculpabilização da prática da homossexualidade já demonstra esta vinculação não exclusivamente da perspectiva pessoal, mas, sobretudo da busca de legitimidade social tanto dentro dos muros eclesiais como fora deles, devendo-se em pesquisas como essa, trazer à luz as características de um conflito homofóbico em si mesmo.

³ A expressão refere-se a uma teologia e a uma hermenêutica bíblica que propõe a releitura das Escrituras Sagradas tomando como ponto de partida e de chegada o auxílio das Ciências Sociais na compreensão de textos supostamente homofóbicos.

Esta é uma tarefa da pesquisa social a que este projeto se propõe enfrentar, sobretudo por que é de se supor que, muito provavelmente, nenhuma religião estaria disposta a assumir, explicitamente, a condição de religião homofóbica, isto é, jamais assumiriam em seus discursos que se colocam contra os homossexuais enquanto pessoas homossexuais (MULLER, 2000), mas, certamente alguns segmentos religiosos se colocam contra a diversidade sexual (SANTOS, 2006). Assim, uma das conseqüências ou desdobramento desta posição é que, as origens e justificativas religiosas da homofobia acaba legitimando a violência, o que também de modo nenhum poderia ser explicitamente aceito pelas religiões de um modo geral.

É necessário, no entanto, encontrar os nexos entre essa homofobia, em princípio velada e inerente ao espaço religioso, e a homofobia e violência existentes na sociedade brasileira como um todo, reveladas de formas mais diversas em nosso universo cultural. A homofobia violenta mais explícita é aquela que aparece nas notícias de assassinatos de homossexuais em nossos jornais, sendo considerável o número crescente destes crimes. Mas, obviamente, a homofobia, seja qual for a definição deste termo, não se restringe à violência física, e sim também a uma violência simbólica (BOURDIEU, 1998) que se verifica em atitudes e expressões às vezes verbalizadas em tom de naturalidade, mas contendo uma insinuação pejorativa, o que por si só já representa uma violência. Assim, pode-se pressupor que as religiões se apresentam como o lugar privilegiado do social que chama a atenção de pesquisadores interessados em investigar e procurar compreender ainda melhor essa situação.

Na medida em que há uma grande diversidade de expressões religiosas no Brasil com representação em Aracaju, é de se perguntar o por que de se haver escolhido justamente essas cinco correntes religiosas acima referenciadas, em detrimento de outras tantas tais como o islamismo, o budismo e outras que aqui existem.

Considerou-se que estas correntes religiosas, excluindo-se os cultos-afro, são as que mais claramente se pronunciam sobre esses assuntos, com expressiva visibilidade na sociedade brasileira, além de serem religiões que difundem um senso de correção e/ou transgressão moral associados às relações humanas, afetivas e comportamentais, dando bastante destaque às questões que dizem respeito à sexualidade. O que não ocorre com outras expressões religiosas numericamente significativas no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que uma pesquisa dessa natureza se justifica na medida em que a situação-problema aponta para a necessidade de se esclarecer certos pontos ainda obscuros, ou seja, quais os aspectos dos discursos de diferentes religiões que

podem ser reconhecidos como evidências homofóbicas? Existem significativas diferenças entre elas no que se refere à homofobia e violência? Que possíveis contradições entre o discurso e a prática podem eventualmente se identificar nesses grupos religiosos? Quais os aspectos dos discursos de diferentes religiões podem ser reconhecidos como evidências de posturas homofóbicas?

O objetivo desta pesquisa é, portanto, estudar o discurso das diferentes correntes religiosas do País com representação na cidade de Aracaju, em relação à diversidade sexual e suas possíveis associações com a homofobia e a violência, a partir do conceito de homofobia sumariamente entendido como “temor e repulsa pelas pessoas de comportamento homossexual” (SPLENGER, 2003) e, a partir desta definição, encontrar as relações entre o discurso religioso e expressões de homofobia e violência presentes na sociedade em geral.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

LEERS, Bernardino e **TRASFERETTI**, José. *Homossexuais e ética cristã*. Campinas SP, Editora Átomo, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996.

_____. Mulheres: da prédica pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento. In: SCHPUN, Mônica Raísa. (Org) *Gênero sem fronteira: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Rio de Janeiro: Mulheres, 1997.

_____. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS. *Sociedad & Religion*, n. 14/15 novembro. 1996.

_____. Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, n. 1, 1995.

_____. e **FERNANDES**, Sílvia. Saúde feminina, aborto e planejamento familiar na mídia pentecostal. [Trabalho apresentado na *VII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina*. Buenos Aires-nov.], 1997.

_____. & **MARIZ**, Loreto, Cecília. *Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais às comunidades eclesiais de base e os grupos carismáticos*. RBCS v.12 n. 34, Junho. 1997.

_____. O tema aborto na mídia pentecostal: notas de uma pesquisa. *Revista Estudos Feministas*. v.8, n.1, p. 200-211, 1º. semestre, 2000.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MULLER, Wunibald. *Pessoas homossexuais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NATIVIDADE, Marcelo. Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v.23, n.1, 2003.

_____. **OLIVEIRA**, Leandro. Algumas tendências recentes nos discursos evangélicos e católicos sobre homossexualidade. In: *Gênero & Sociedade*. Rio de Janeiro, n.22, dez. 2004.

SANTOS, Josadac Bezerra dos. *Conflito e novas identidades no campo religioso brasileiro: feminismo, aborto, homossexualidade e eutanásia*, tese de doutorado, PPGS da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SPENGLER, Fabiana Marion. *União homoafetiva: o fim do preconceito*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2003

TRASFERETTI, José. *Teologia e sexualidade: um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas SP: Átomo, 2004.

Quais os aspectos dos discursos de diferentes religiões podem ser reconhecidos como evidências de posturas homofóbicas?